

O SPORTING

ganhou os Nacionais a poucos pontos do BENFICA

Eram esperadas, com evidente interesse, as duas jornadas dos campeonatos nacionais: a visita dos melhores atletas portugueses, a renovação do duelo Sporting-Benfica sobre novas bases, finalmente a estreia da pista do estádio do Lumiar, eram os elementos incitantes da curiosidade pública, traduzida praticamente pela considerável afluência de espectadores.

A luta entre os atletas não defraudou a expectativa e os partidários dos dois grandes clubes sofreram no segundo dia os tormentos da incerteza, quando os benfiquistas recuperaram em três provas o atraso que traziam da véspera e a classificação colectiva oscilou entre os dois rivais, para só se decidir na última prova.

Tanto uma como outra equipa se viram na obrigação de arrumar com parcimónia os seus melhores elementos pelas diversas provas, conforme as restrições regulamentares, ou a se privaram da colaboração de alguns juniores de valor para os não prenderem na categoria superior.

Isto favoreceu constantes altos e baixos na pontuação, que no final se cifrava em 153 p. do Sporting contra 146 p. do Benfica, números que mostram bem como a luta foi equilibrada entre ambos.

Na generalidade, as competições agradaram e, principalmente, as corridas planas ofereceram todas excelentes espectáculos; pena foi que o piso da pista, em bem más condições, prejudicasse o esforço dos corredores e saltadores em comprimento, baixando consideravelmente a categoria das marcas.

A nova pista do Sporting, forçoso é reconhecê-lo, está em muito piores condições de rendimento do que a antiga, por evidente defeito na composição da camada superficial, que, por demasiado friável e falha de elasticidade, dificulta a progressão e aumenta a fadiga.

Não pode considerar-se causa predominante desta deficiência a recente construção da pista, que já foi dada como pronta há três semanas; basta recordar que a sua procedente foi concluída numa sexta-feira à tarde e no dia seguinte servia com absoluto êxito para disputa dos Nacionais.

Sobre a organização pouco há a dizer; boa sequência, excelente ordem no campo, informações frequentes e completas. No entanto, o locutor exagerou, por vezes; recomendando ao público silêncio durante a concentração dos atletas, não seguiu o seu próprio conselho e lembrou-se várias vezes de anunciar recordes e coisas várias, quando os atletas se preparavam

para entrar em acção (por exemplo, Meneses no salto em altura, e José Luís no lançamento do disco). Também, na primeira jornada, assistimos ao lançamento do dardo acompanhado pela música do Tiro-Liro, novidade pouco aceitável.

Para conclusão destas notas gerais, vejamos como os clubes obtiveram a sua pontuação:

1.º Sporting, 153 p. (11 primeiros, 6 segundos, 5 terceiros, 8 quartos e 4 quintos lugares).

2.º Benfica, 146 p. (6 - 8 - 12 - 6 - 10).

3.º Académico, 18 p. (1 primeiro e 2 segundos).

4.º F. C. do Porto, 16 p. (2 segundos, 1 terceiro, 1 quarto e 1 quinto).

5.º Internacional, 8 p. (1 primeiro).

6.º Belenenses, 5 p. (1 terceiro e 1 quarto) e Estrela e Vigorosa 5 p. (1 segundo).

As provas de sábado

Conquistando seis campeonatos e 79 pontos, contra 1 campeonato e 43 pontos do seu rival Benfica, o Sporting marcou sobre ele, nesta jornada, acentuada vantagem.

O certame abriu com a final dos 400 metros barreiras, com vencedor de antemão conhecido; Matos Fernandes destacou-se desde início e concluiu distanciado, sem contudo haver corrido como se poderia esperar. A meio da recta oposta desaceitou a passada entre os obstáculos e foi assim até final.

Artur Dias nada melhorou do ano passado para este e a sua passagem da barreira é aflitiva; agradou-nos bastante a prova do principiante sportinguista Nascimento, cuja mecânica sobre o obstáculo é quase perfeita e que se anuncia como possível especialista, a quem falta por enquanto velocidade e experiência.

O português Portela foi desclassificado por haver torneado a sexta barreira em vez de passar por cima dela; terminara terceiro, batendo Nascimento por um peito.

O concurso de salto em comprimento teve resultados fracos em consequência do péssimo estado da pista, que nem sequer houvera o prévio cuidado de regar. Parecia um autêntico areal, levantando nuvens de poeira sob a passada dos atletas.

Alvaro Dias ganhou, naturalmente, porque é muito superior aos adversários, mas a sua forma não satisfaz; corrida preparatória pouco veloz, trajectória do salto oblíquo para a direita (o pé de chamada não assenta no eixo da corrida) e queda defeituosa por

mau lançamento à frente das pernas enrugadas. Das seis tentativas inutilizou duas e alcançou, nas restantes, 6,64 metros — 6,88 metros — 6,56 metros e 6,77 metros.

Luís Alcide só no último salto subiu ao segundo lugar, com 6,62 metros; tentativas anteriores: 5,88 metros — 6,07 metros — 6,35 metros — 6,42 metros e 6,46 metros.

João Vieira foi, de todos, o mais regular; 6,51 metros — 6,585 metros — 6,40 metros — 6,55 metros — 6,54 metros e 6,27 metros. Foi, também, na corrida, aquele que melhor empregou a necessária aceleração.

A final dos 200 metros foi empolgante. Depois de falsa partida provocada por Eleutério, os cinco homens largaram em perfeito sincronismo e Moraes ganhou terreno a todos; veio sempre à cabeça, embalando muito bem na curva, mas nos últimos cinquenta metros. Sampaio atacou bem, valendo-se do maior peso na pista muito solta e veio terminar a menos de meio metro do sportinguista, que tanto deitou o corpo adiante sobre a linha que veio depois a cair a todo o comprimento sobre o solo.

O tempo registado aos dois primeiros, 23,1 s., revela bem o mau rendimento da pista; qualquer dos corredores vale bastante mais.

Eleutério e João Jacinto, classificados a seguir, terminaram muito perto e em bom andamento.

A vitória de Domingos Canhão nos 800 metros compenhou o melhor especialista, um especialista de grandes possibilidades quando adquirir o andamento de velocidade prolongada que, ao presente, é indispensável para alcançar tempos internacionais em corridas desta distância. Conduziu toda a prova e quando Adriano atacou, a meio da recta oposta, reagiu com autoridade e distanciou-se com facilidade. O tempo de 2 m. 3,9 s., mediocre, ressentiu-se do estado do piso.

Castelo Branco arrancou o segundo posto graças à sua energia e bom final; entrou na recta final mais de dois metros atrasado de Adriana e ultrapassou-o nos metros finais. Tempo de ambos: 2 m. 4,5 s.

Para não desmanchar o excelente conjunto das corridas, a prova da légua foi interessante de princípio a fim. Os corredores do Sporting, que haviam certamente recebido prévias instruções táticas, impuseram desde início andamento rápido, que apenas dois dos seis benfiquistas presentes na pista conseguiram acompanhar. Aos dois quilómetros, o pelotão comportava apenas seis unidades: Filipe, Marques e

Nogueira, Araújo e João Silva; o portuense Leonel Silva.

Foi este o primeiro a ceder, depois Nogueira e, quando faltavam cinco voltas para o fim, Afonso Marques para, recomeça, volta a parar cem metros adiante, e, com um gesto de enfado, decide recolher ao vestiário.

lutando contra dois adversários, Filipe Luís não cede, antes intensifica a marcha; em resultado, descola João Silva na 10.ª volta e Araújo na 11.ª, embora até final diligencie corajosamente aproximar-se.

O vencedor gastou 16 m. 2,5 s. e Araújo 16 m. 3,8 s.; ambos melhoraram o seu recorde pessoal.

Aplausos para o veterano Nogueira, que desportivamente não desarma e dá, aos novos, um exemplo de vontade e amor ao atletismo.

Os dois lançamentos foram as provas menos animadas do programa: progressos nulos ou progressos de caranguejo.

Pinto Basto venceu o peso, com 12,86 metros, batendo Ruivo por 46 centímetros; os anos passam e o lançador do «Cif», credor de tantas esperanças, não melhorou as suas marcas. Dificilmente irá mais longe. O pior é não se descurtar entre os competidores quem possa ameaçá-lo: Castelo Lopes ou Nuno Barros, se melhorarem muito o seu estilo.

No lançamento do dardo ficou-se, mais uma vez, nos 46 metros; Paulo Cardoso, o vencedor, perdeu o domínio do projectil na fase final do exercício.

Apontámos-lhe, há oito dias, o defeito de subir a ponta do dardo quando o puxava à retaguarda pela extensão do braço (visível claramente numa bela fotografia publicada pelo nosso colega «A Bola»), mas neste domingo verificámos de perto que o erro principal é outro: o braço, no final, não é trazido por cima do ombro, mas sim de lado, pelo que o impulso ao dardo foge ao eixo longitudinal e se não aplica no sentido da pega para a ponta. Consequência: o dardo sai da mão dando uma espécie de chicotada com a cauda e ascende verticalmente para cair quase a pique.

A corrida de estafeta 4 x 400 metros, com que encerrou o programa não teve história a partir do segundo percurso, em que Jacinto dominou Meireles; o péssimo tempo global traduz a prova de Artur Dias, que, seguro da vitória, se limitou a chegar primeiro à meta.

A jornada de domingo

Ao cabo das primeiras quatro provas o Benfica tinha recuperado todo o atraso na pontuação e seguia com um ponto de avanço sobre o Sporting.

Depois, este voltou a distanciar-se com o disco, foi realçado na vara, ficou com os pontos dos 10.000 metros, mas o Benfica tomou mais uma vez a cabeça, com o triplo e a estafeta. Só a última prova, o lançamento do martelo, consagrou o triunfo sportinguista, que mais se valoriza pelo que foi difícil.

Os 110 metros-barreiras, que abriram o programa, deram aos «encarnados» o máximo da pontuação e nova vitória de Alcide, em 16,4 s.; Ferreira veio à cabeça

Não há fome que não dê em fartura... Se, é claro, se confirmarem as notícias que nos chegam — de boa fonte.

Depois da «Volta ao Ribatejo», que deu animação ao ciclismo, a caminhar para a «agonia», anunciou-se, em princípio, nada menos de cinco provas: em Mafra, no Sobral de Mont'Agrão, na Ericeira, na Ajuda (Lousa) e na Malveira. Esclareçamos — são corridas para independentes... E' provável que algumas fiquem em... projecto. Mas se metade se realizar, já estará bem...

A equipa do BENFICA

no «Grande Prémio Marca»

Realizar-se-à este ano a «Volta a Portugal»?

Entretanto, fala-se muito na «Volta a Portugal». Dizem-nos, em ar de «segredo», que a «Volta» será um facto. Vai haver uma reunião, espera-se que os clubes não ponham dificuldades, e apontam-se pormenores: a prova disputar-se-á de 24 de Agosto a 7 de Setembro, com dois dias de descanso, etapas de mais de 150 quilómetros, alojamento a cargo dos clubes, que receberão as respectivas verbas da organização.

Ficamos à espera de mais pormenores. E, entretanto, é de estranho o segredo em que se pretende colocar a imprensa.

O domingo passado não teve corridas de independentes. O Porto-Vigo-Porto ficou sem efeito, por agora... Em Lisboa houve corridas para veteranos, amadores e iniciados.

Venceram: Iniciados: Manuel Aventino Oliveira, do Sporting; iniciados: Ernesto Ludovino, do Benfica; amadores: António Vieira (?), do Arrentela. Por equipas, o Benfica venceu em iniciados e o Sporting em veteranos.

Reparadora Motociclismo, Lda.

Dois antigos ciclistas, Avelino Pereira Calção e José Pais Cabral, inauguraram na passada segunda-feira o seu estabelecimento de artigos mecânicos e desportivos, na rua do Saco, n.º 52.

Aos novos comerciantes desejamos prosperidades.

Há sérias dúvidas quanto aos amadores. António Vieira e Manuel Pereira, chegados em 1.º e 2.º, são acusados de terem feito meio-fundo. A Associação resolverá, aplicando o regulamento...

Na segunda-feira partiu para Madrid a equipa de independentes do Benfica, constituída por João R-belo, Império dos Santos, Júlio Mourão, Guilherme Jacinto e José Martins. São acompanhados pelos srs. José Ricardo Domingues, director do clube; José Silvestre e José Tavares, da secção velocipédica do clube; Angelino Fontes, maçagista, e Raul Silva, mecânico.

Os benfiquistas fizeram a viagem de automóvel.

A corrida principia no dia 8,

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

sexta-feira, com uma etapa de 323 quilómetros.

Fazemos votos pelo bom êxito da deslocação dos valorosos corredores do Benfica, que vão encontrar em Espanha adversários de grande categoria: os belgas Van Herzé, vencedor da «Volta à Bélgica», e Van Dyk, vencedor da «Volta à Espanha»; Cledda, Pedrali e Adriano, italianos, e Depredomme, belga.

O Sporting devia tomar parte nalgumas competições de pista. Mas devido ao estado de saúde dos seus especialistas João Lourenço e Eduardo Lopes, os «leões» pediram o adiamento da deslocação.

Em Paris e em Reims disputaram-se os campeonatos do Mundo.

O Velódromo do Parque dos Príncipes, na capital francesa, registou sempre elevada concorrência de público, mas as provas foram prejudicadas por erros do júri.

O belga Scherens, com cerca de 39 anos de idade, ganhou pela sétima vez o campeonato de velocidade, profissionais, e o inglês Harris triunfou no campeonato de amadores.

A Itália teve uma jornada brilhante na perseguição: Fausto Coppi, profissional, e Benfenati, amador, triunfaram brilhantemente. E outro italiano, Bevilacqua, foi finalista com Coppi.

No sábado disputava-se o último campeonato de pista: meio-fundo atrás de motocicletas. E no domingo, em Reims, no circuito de Guex, efectuavam-se as duas corridas de estrada. No lote dos profissionais, a Itália partia favorita, com o quarteto Fausto Coppi, Leoni, Ricci e Maggi.

Manuel Mota

Ano V — II Série — N.º 244
Lisboa, 6 de Agosto de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 18, -3.
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Clube de Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRÁVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

até à nona barreira, que corrou por chamada distante, desuniu-se, tropeçou na seguinte e perdeu a corrida, como por duas vezes perdeu o título ibérico. Falta-lhe, certamente, poder para manter ritmo e segurança no final do percurso.

A prova de salto em altura foi fraca; Meneses ficou no 1.70 metros, e Matos Fernandes, já campeão com um 1.75 metros, tentou de seguida 1.90 metros, brusca subida que se não justifica. Todos os ensaios nesta altura-recorde foram nitidamente inferiores.

Espírito Santo, a sombra do grande atleta que admirámos, deu uma modesta colaboração ao seu clube: 1.65 metros em altura, 18,03 metros no triplo.

A final dos 100 metros foi empolgante e, numa boa pista, ter-se-ia dado um novo recorde nacional. Os 10,7 s. de Nuno Morais (pela terceira vez na época) e de Paquete, os 10,9 s. de Eleutério e Nuno constituem a proeza de maior categoria destes campeonatos; diremos mesmo a única.

A vitória de Castelo Branco nos 1.500 metros, em 4 m. 20,4 s., foi alcançada com muita inteligência e autoridade. Lutando só contra quatro benfiquistas, deu andamento rápido ao início para desorganizar o pelotão e, quando se encontrou apenas com os dois mais sérios adversários, abrigou-se na sua cola até que soasse a sineta; aos 1.200 metros tentou passar, mas como o não conseguisse durante a recta, voltou ao seu lugar junto à corda e atacou a «fundo» à saída da curva, nitidamente pelo exterior, como mandam os cânones, cortando a meta com sete metros de avanço sobre Adriano Gomes (4 m. 216 s.), ao qual se seguiu Araújo, acusando com clareza o esforço da véspera.

O novo campeão nacional é um corredor de futuro; boas aptidões e boa cabeça. O seu problema solucionou-se com treino aturado e persistência.

Os 400 metros deram merecida vitória a Sampaio Peixoto, correndo na pista seis, impôs uniformidade de andamento, que, nos cinquenta metros finais — os decisivos, aqueles onde fala a classe de um especialista de velocidade prolongada, lhe permitiu distanciar-se dos adversários rendidos. Tempo, 51,8 s.

Matos Fernandes e Domingos Canhão chegaram juntos aos 350 metros, mas ao segundo faltou o fundo suficiente — tem apenas 20 anos. — e cedeu. Marcas respectivas: 52,8 s. e 53,2 s.

Artur Dias não quis cortar a meta; faltou-lhe desportivismo para se confessar vencido, o que não envergonha o campeão de maior renome. Foi o finalista que partiu mais rápido na perseguição de Peixoto, mas a forma física não deve ser boa e o maquinismo quebrou antes de tempo. Teria sido quarto classificado.

Manuel da Silva conquistou dois títulos: o do disco com 40,03 metros e o do martelo com 40,92 metros. Os mesmos defeitos e as mesmas qualidades conhecidos. Que grande discóbolo seria, se conseguisse equilibrar-se durante a volta no círculo.

José Luis, cuja chicotada final do braço saiu sempre muito mal (a mão não descia quando o braço vinha à frente), ficou muito aquém do que pode. O portuense Tender, com 38,29 metros, foi ex-lente segundo classificado e não hesitou em afirmar que o veremos brevemente em primeiro.

O salto à vara foi ganho pelo sempre jovem Martins Vieira, com 3,40 metros, seguido por Montalvão, que igualou a marca. Santos Vieira e Eduardo Matos transpuseram 3,30 metros, o que forma um conjunto valoroso para os nossos habituais e fracos recursos.

Luis Alcide desforrou-se de João Vieira no triplo-salto, alcançou 14,115 metros contra 13,985 metros do rival. Considerando o estado da pista de corrida (que neste dia foi regada antes do concurso), os resultados são apreciáveis.

Finalmente, nos 10.000 metros, Filipe Luis conseguiu segundo título, em 33 m. 44,8 s., seu recorde pessoal, batendo Afonso Marques e João Silva na última volta. O herói, para a simpatia do público, foi o veterano Nogueira, quarto classificado, que se defendeu com extraordinária energia dos sucessivos ataques de Galvão Duarte.

No programa foram incluídas três provas do campeonato feminino, a que nos referiremos na próxima crónica, que esta já vai longa em demasia.

Salazar Correia



Dr. RIBEIRO FERREIRA

Profecia cumprida... A brilhante época do FOI ADVINHADA PELO TREINADOR Robert Kelly

O Sporting encontrou, a par de um bom treinador, um grupo de excelentes jogadores. Aos antigos, aos "velhos" — Azevedo, o homem que sempre nos brinda com a "defesa do desafio", Cardoso, Manuel Marques, Canário, Peyroteo, às vezes Armando Ferreira, ainda uma utilidade — aliaram-se os mais novos, na idade e

E é neste lote que se encontram os elementos mais fulgurantes, do "team": Barrosa, com um esplêndido final de época, sempre entusiástico, enérgico e combativo; Verissimo, "forçado da equipa, sem uma trégua na sua acção; Jesus Correia, veloz como um gamo, oportuno e engodado pela baliza; Vasques, uns pés primorosos, mas uns "máquina" lenta a entrar em rendimento; Travassos, o melhor "leão", revelação da temporada, valor confirmado em múltiplas circunstâncias, internacional que se creditou de exibições famosas. Estádio Nacional, Dublin, Paris... —; Albano, vivo, azougado, sempre em movimento, nunca parando...

Estes foram os homens que deram ao Sporting, no ano I da sua renovação — o Estádio "José Alvalade", a nova sede... — dois belos triunfos. E não seria justo deixar perdido no meio dos seus companheiros o nome de Fernando Peyroteo.

Não cabem, neste artigo de mera evocação, com "pretensões" — e só isso — a peça literária e não o consultório técnico, discussões acerca da "forma", de Peyroteo. O que temos é de salientar este facto primordial: a contribuição que ele deu para o brilhante êxito do "team" no nacional.

O avançado-centro Leonino marcou, só à sua parte, quarenta e quatro "golos" quase metade de quantos o campeão conseguiu! Na sua linguagem este número "quarenta e quatro" é eloquente, gritante, afirma a utilidade de Peyroteo. Outro poderia fazer melhor? Sabe-se lá... No terreno resvalço das hipóteses — tudo é possível, nada é possível... Depois dele aparece Jesus Correia: com vinte e sete.

Nada mais se torna necessário dizer: 44/27...

Aos brilhantes triunfos sportinguistas outros nomes aparecem ligados: em primeiro plano o Dr. Ribeiro Ferreira, o "Marquês de Pombal" do Sporting, e o de um rapaz modesto que um dia ajudámos a ir para o clube, Manuel Marques, o maçagista competentíssimos e o "leão" dedicado

No dia da inauguração do "novo" Estádio do Sporting, Manuel Marques foi fotografado juntamente com os jogadores. Nada mais justo. Junto dos jogadores é o lugar dele...

NO começo da época de futebol de 1946/47 — uma época que se prolongou indefinidamente... — o novo treinador do Sporting, o inglês Robert Kelly, havia sido entrevistado para a "Stadium". E embora tivesse "pegado", nas equipas havia então pouco tempo ainda, não hesitou em declarar que — o Sporting ganharia todos os torneios...

Claro que a sua afirmação, feita em tom profético, não foi tomada muito a sério... os próprios sportinguistas mais afeccionados não esconderam a sua admiração — ainda que, inteiramente, talvez tivessem ficado satisfeitos... Os "adversários", porém, não devem ter perdoado. A afirmação de Kelly, concordemos, era de certo modo... atrevida, ou, pelo menos, ousada!

Mas o tempo é o grande mestre. Ele se encarrega de confirmar ou desmentir e às vezes fá-lo em condições retumbantes — quer de um modo, quer do outro. E o tempo correu. Os campeonatos foram seguindo o seu ritmo, mais ou menos constante, e o Sporting foi averbando triunfos. Só houve uma coisa a empanar levemente o êxito das declarações do fleugmático sr. Kelly; por falta de datas e por outras coisas mais, não se disputou a Taça de Portugal. Mas, mesmo assim, o Sporting teve a devida compensação. E de que maneira... Vencendo o Vasco da Gama, por exemplo; pondo dez jogadores para as selecções nacionais, outro exemplo...

Robert Kelly acertava em cheio.

Ora, não há dúvida que os treinadores estão inteiramente ligados aos êxitos das suas equipas. Sempre assim tem sucedido no nosso país... De modo que não pode desligar-se o treinador leonino dos triunfos alcançados pelo Sporting. Robert Kelly seguiu, no grande clube lisboeta, as pisadas de Szabo — e de Cândido de Oliveira na época anterior, dando nova força ao "team", transformando-o, insuflando-lhe vontade, moral, ânsia de vitória...

O caso Kelly merece, ainda, uma referência especial. É que, independentemente dos dois campeonatos ganhos — o que poderia ser uma simples coincidência... — o Sporting apresentou-se a jogar bem, evidenciando nítida superioridade sobre os seus competidores. Superioridade que, no campeonato mais importante — o nacional — se traduzia, a meio da prova, era substancial avanço, conservado até final através de exibições plenas de regularidade e muitas delas de brilho.

O Sporting teve, deste modo uma época magnífica. Uma época triunfal. A sua equipa principal, fisicamente bem preparada — Kelly sabe "disso",... — soube vencer os competidores — e as dificuldades de não poder utilizar um campo verdadeiramente do clube. Os "leões" não estiveram no seu solar, em obras para uma transformação quase prodigiosa. Andaram por um campo emprestado, aliás com a melhor boa vontade pela Cuf — e tal gesto bem digno é de realce — e apesar disso ganharam — todas as competições.

Tudo se conjugou para o brilho da época dos actuais "leões", que imitaram um outro grupo sportinguista. Aquele de há anos — que conquistou também todos os títulos... Duas proezas que cabem bem no quadro geral da admirável actividade desportiva do Sporting.



ROBERT KELLY



PEYROTEO



AZEVEDO

MANUEL MOTA

ARNOCO

o Oleo
preferido pelos
Automobilistas



JESUS CORREIA



Clichés — M. REIS

As duas equipas — portuguesa e espanhola — que disputaram o último encontro internacional de tiro aos pombos no Estoril

TIRO aos POMBOS ENTRE PORTUGUESES e ESPANHOIS



D. Ana Ribeiro Ferreira vencedora da «Taça Grande Prémio»



O famoso Conde de Teba, vencedor do campeonato do Estoril



Luis Infante da Camara que triunfou na «Taça de Ouro da Peninsula»



Armando José Vilar, vencedor do «Prémio Goulão»

NO Estoril disputou-se recentemente o campeonato internacional de tiro aos pombos, a que concorreram as melhores "espargardas" de Portugal e de Espanha. Empataram os dois fortes conjuntos, que tiveram actuação de relêvo. Neste admirável torneio teve o nosso país a honra de ser representado por uma ilustre senhora, D. Ana Ribeiro Ferreira, que conquistou a "Taça do Grande Prémio" do Estoril, facto inédito na história da grande prova. Depois, em posição destacante, pode colocar-se o famoso atirador espanhol, conde de Teba, vencedor do campeonato do Estoril, o sr. Armando José Vilar, que triunfou no "Prémio Goulão", engenheiro José Corado, a quem foi atribuída a "Taça de Ouro da Junta de Turismo de Cascais", e Luis Infante da Camara, outro desportista de grande classe, 1.º na valiosa "Taça de Ouro da Península".



A distinta atiradora D. Ana Ribeiro Ferreira recebe a Taça que conquistou, entregue pelo sr. Embaixador de Espanha



O sr. engenheiro José Corado recebe o seu prémio — uma valiosa Taça

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

ATLETISMO

O Campeonato de Espanha

Effectuou-se em Barcelona, no Campo de Montjuich, o 27.º campeonato espanhol de atletismo. Os principais resultados foram os seguintes:

Corridas—100 metros: Nuñez Cobas (11,2 s.); 200 metros: Moncho Rodriguez (22 s.); 400 metros: Moncho Rodriguez (50,1 s.); 800 metros: Macias (1 m. 69 s.); 1.600 metros: Macias (4 m. 58 s.); 5.000 metros: Miranda (15 m. 36 s.); 110 metros barreiras: Molezún (16,2 s.); 400 metros barreiras: Rúbio (56,4 s.); 4 x 100, estafetas: Galiza (45,1 s.); 4 x 400, estafetas: Catalunha (3 m. 30,8 s.)

Soltos—Altura: Martinez (1,º90); Comprimento, Navarro (6,º70); Vara, Raló (3,º38); Triplo, Simon (14,º21).

Lançamentos—Peso: Albera (12,º89); disco: Erauzquin (39,º34); dardo: Apellaniz (51,º95); martelo: Garcia (38,79).

Os americanos na Europa

Encontram-se de visita aos países nórdicos vários atletas dos Estados Unidos. Em Oslo, durante uma reunião internacional, alcançaram os resultados seguintes:

200 metros—Dillard (21 s.); 800 metros—Perkins (1 m. 52,8 s.); Lançamento do Peso—Gordien (16,º19); 1.500 metros—T. Perkins (3 m. 53 s.); 5.000 metros—Heino (Finlândia) em 14 m. 18 s.

Soltos em altura: Bill Vessie (1,º96); Lançamento do disco—Gordien (54,º40).

A última proeza constituirá o novo recorde mundial do lançamento de disco, em poder de outro americano, Bob Fitch. Este, para ripostar ao seu compatriota Fortune Gordien, ganhou em Katowicks (Polónia) o lançamento do peso com 15,º41 e o disco com 53,º58.

EM INGLATERRA

Durante uma competição realizada em Birmingham, o velocista negro E. Mc Donald Bailey igualou o seu recorde britânico das 100 jardas fazendo 9,6 s., tempo deveras notável.

NATAÇÃO

Novo recorde feminino

Em Amsterdão, a conhecida nadadora holandesa Nel Van Vliet conseguiu melhorar o seu próprio recorde mundial dos 200 metros (bruços) percorrendo a distância em 2 m. 49,2 s.

NOTA DA SEMANA

Este lema encontra-se já debalido, criticado e posto em evidência, pelo que pode parecer uma prova de falta de assunto ou de bom gosto enunciá-lo de novo. Infelizmente, não se trata disso. A realidade dos factos vem confirmando, com dolorosa frequência, o perigo que representa o jogo do boxe e a gravidade das lesões a que o mesmo pode dar origem.

Este lema é, pois, de uma actualidade perene. Todas as oportunidades devem aproveitar-se, se, como agora, houver motivo para tanto.

Pois em Barcelona, no Circo Price, durante as provas eliminatórias do Campeonato catalão de pugilismo amador, aconteceu outro desastre mortal, a juntar aos muitos que, num crescendo assustador, se registam pelo Mundo.

Jogavam dois pesos meio-leves: Gironés e Chalén. Ao terceiro assalto, o primeiro jogador abateu o adversário, que tombou violentamente no sobrado com a nuca.

Pelas duas horas da madrugada, o infeliz expirava, sem que os recursos da Medicina tivessem podido valer-lhe.

Ignoramos se o ringue estava montado nas condições exigidas pelos regulamentos, isto é, cam uma cobertura de borracha, espessa, entre a madeira do pavimento e a lona exterior.

Mesmo assim, o desastre podia produzir-se. O que fará não estando em boas condições!

A grave responsabilidade que impende sobre os dirigentes, fiscais e empresários—se houve desleixo ou falta de cumprimento das disposições do regulamento—devia conduzi-los à cadeia.

Em nada se alterariam as disposições legais para esse efeito, e evitaram-se males maiores.

R. B.

BOXE

Vitória de Elmer Ray

O preto Elmer Ray, apesar dos seus 37 anos, anseia por demonstrar que é o melhor pugilista «pesado» actual—tirando Joe Louis, é claro.

Oposto ao «meio-pesado», também de cor, Ezzard Charles, con-

seguiu vencê-lo por pontos, em 10 rounds, no Madison Square Garden, de Nova York.

Charles era o favorito, embora pesasse menos nove quilos que o seu rival, registando apenas 79,250 kg. na báscula.

A vitória de Ray foi de escassa margem pontual.

EM ITÁLIA

Registo Peyre combateu contra Miguel Palermo, que ganhou por pontos contra toda a expectativa. Devem lutar de novo, estando em disputa o título dos semi-médios.

Em Cagliari, Giovanni Manca derrotou Milandri, arrancando-lhe o campeonato de Itália dos «médios». O titular deposto abandonou ao 10.º assalto, com uma arcada supraciliar aberta.

Em Nápoles, Giovanni Martin pôs fora de combate Luis Musina, ao 5.º round. O vencido passou um mau bocado, com forte comção cerebral, e não está restabelecido por completo.

EM FRANÇA

Vitor Buttin (meio-pesado) saiu derrotado em Marselha, à frente de Emilio Bentz, ao 6.º assalto.

A causa do abandono foi uma ferida num sobrolho.

Também em Marselha produziu-se um combate entre André Famechon e o italiano Fusaro, ganhando o francês por pontos, ao cabo de 10 assaltos.

HIPISMO

A Taça de Ouro de Belmont Park

Esta importante prova hípica norte-americana correu-se pela primeira vez na distância de 2.514 metros, em lugar dos 3.218 habituais. Cerca de cem mil espectadores presenciaram o acontecimento, aplaudindo a vitória do cavalo *Symie*, montado por Conn. Macreary, que percorreu a distância em 2 m. 42 s. e 3/5. Recebeu o prémio, formidável, de mil e quinhentos contos!

TÉNIS

O Campeonato de França

Está concluído o Campeonato Internacional de França, realizado em Paris, no conhecido Estádio Roland Garros, e ao qual concorreram algumas das melhores raquetes mundiais.

Produziram-se várias surpresas, sobretudo nas competições singulares. Assim, nos quartos de final, os franceses tinham na prova, Pétra, Marcel Bernard, Abdesselam e Pierre Pellizza; os americanos, Tom Brown e Budge Patty; os italianos, Cucelli, Bellardinelli, Sada e Quintavalle; os ingleses, Mottram; os belgas, Washer e Peten; os húngaros, Stolpa e Asboth; os sul-africanos, Sturgess e a Nova Zelândia, J. Barry.

Depois de uma luta acesa chegaram às meias-finais o húngaro Asboth (vencedor de Pétra), o francês Bernard (que derrotou Cucelli), o americano Tom Brown (diante do qual sucumbiu Pellizza) e o sul-africano Sturgess (que ganhou a Stolpa, vencedor de Budge Patty). Nas meias-finais o húngaro Asboth liquidou o americano Tom Brown e veio a ganhar o torneio, derrotando Sturgess por 8/6, 7/5 e 6/4.

Sturgess e Fannin ganharam a prova «pares-masculinos» a T. Brown e Sidwell (6/4, 4/6, 6/4, 6/3).

Sturgess e Mr. Summers venceram a competição «pares-mistos» por 6/0, 6/0, a Melle Jedrzewska e Caraluis.

Depois do torneio, Cochet sfirmou que Asboth é o melhor tenista europeu da actualidade em terra batida.

ESGRIMA

Atiradores Italianos castigados

Por motivo de factos sucedidos durante os Campeonatos do Mundo que se realizaram em Lisboa, resolveu a Federação Italiana punir os atiradores Gilliano Nostini, Renzo Nostini, Di Rosa, Ragnó e Bergamini.

Uma limpeza, como se vê!

A vitória de GUILHERME MARTINS

sobre JORGE LARSEN

fê-lo campeão nacional dos «meio-médios»

Uma boa sessão de boxe

Guilherme Martins é o novo campeão nacional dos «meio-médios». A sua difícil mas indiscutível vitória, obtida sobre Jorge Larsen ao cabo de porfiada batalha, durante a madrugada de sábado último, colocou-o no vértice do pugilismo profissional português.

O vencido portou-se ao nível dos seus créditos passados. Revelando, muito embora, menos poder, menos apego à luta a distância e mais fragilidade, Larsen quis ver a derrota e conseguiu-o. No final do combate, em nossa opinião, pouca diferença de pontos existia entre os pundonoros rivais, se bem que a necessária para conferir o triunfo ao pretendente.

Martins adquiriu no segundo



Martins procura ganhar o combate e veio a conseguí-lo com certo merecimento

minuto do *match* um triunfo magistral. Acertando na ponta do maxilar com um soco mais ponteiro que enérgico, viu que o adversário acusava o toque. Então, jogou-se todo ao ataque, num dispêndio de energia nervosa que o debilitou ao cabo de dois assaltos. Esqueceu-se de que o moçambicano é sensível na ponta do maxilar e sofre de visão reduzida, mas recupera o bastante para não cair completamente na esparrela de abrir a guarda.

Martins, ao acabar o *round*,

Almanaque dos Desportos

Este sensacional trabalho não pode ser apresentado em público com a brevidade que se esperava. Por isso mesmo, estuda-se a possibilidade de fechar o «Almanaque» de época e época e não de ano e ano, modalidade que serviria admiravelmente os desportistas. O que pode e deve é afirmar-se que a obra agradará em absoluto, continuando a receber-se inscrições, na Redacção de *Stadium* e na Avenida Oscar Monteiro Torres, 37, 1.º Esq.

decidiu tentar a sorte no imediato.

O seu ataque, coroado com um belo *uppercut* ao maxilar, levou Larsen até ao «canto», recolhido à mais reservada das defensivas e só ripostou — irregularmente, aliás — no decurso do último minuto.

Foi durante o terceiro e quarto assaltos que o campeão se recompôs, adquirindo ascendente sobre o adversário. Servindo-se da sua envergadura maior, executou ajustados e contundentes *jabs*, que pisaram as feições de Guilherme, chegando ao corpo-a-corpo, mal as coisas se proporcionavam para isso. De lamentar, porém, que o seu jogo seja pouco limpo nesta situação de luta, visto que prende e bate contrariando as leis.

Martins reagiu à pressão no 5.º *round*. De entrada, os dois jogadores procuram o golpe duro. Martins acerta, mas acima do alvo, e Larsen contra-ataca forte. À saída do corpo-a-corpo, o pugilista de Barcelos rompeu num fogo de rápida cadência, subjugando o adversário.

Coube a vez de dominar, durante os 6.º e 7.º assaltos, ao campeão. As suas esquerdas perseguem o rosto de Martins, pondo-o a distância. Não dispara o punho direito com medo de ser

surpreendido por um golpe em contra, mas vai fatigando o pretendente, incapaz de penetrar na cerrada guarda do moçambicano.

Se nesta ocasião houvésemos de dar um resultado, mesmo ao cabo do oitavo assalto, em que houve igualdade de acções, teríamos preferido o empate a qualquer outra decisão. Os dois últimos *rounds*, todavia, resolveram a contenda.

Martins atacou durante o nono com grande persistência. Larsen defende-se, apenas, com rabulice, isto é, recusando o câmbio de golpes. Está totalmente esgotado. No último período, Martins domina bem e conquista mais vantagem pontual, ainda que as suas energias estejam quase exauridas por completo.

Se a batalha não teve floreios de *esgrima*, foi todavia pungente. Aliás, assim sucede, quando a ideia fixa de arriscar o mínimo para colher o máximo tem predominio sobre quaisquer outros considerandos.

Larsen, o vencido, não foi o homem difícil de há dois anos. Desceu de forma e de poder físico; está um tanto debilitado.

Apesar desta circunstância, julgamo-lo com direito a tentar a

sorte numa desforra — mas em doze assaltos, que dez são escassa distância para disputar um título!

Os outros desafios

Os restantes desafios do bem elaborado programa da noite foram disputados entre António Silva e Valente Rocha; Manuel de Sousa e Domingos Figueiredo; Moisés Rocha e Amadeu Brandão, e um combate entre amadores.

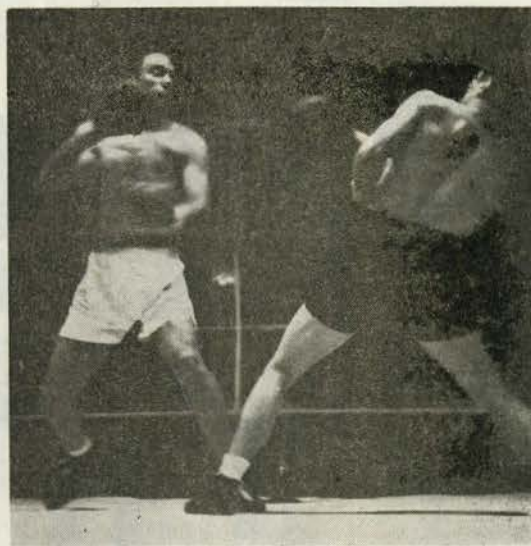
Silva, revelando-se preparado, fez um combate agradável e ganhou direito à decisão — que o árbitro, inexplicavelmente, lhe não concedeu!

Sousa e Figueiredo empataram. Decisão justa, uma vez que ambos dividiram a supremacia nas duas metades do combate.

M. Rocha também dominou Amadeu Brandão, e o resultado, outorgando a vitória ao segundo nomeado, foi um lapso injusto e desagradável.

Quanto aos amadores: ainda não têm classe para participarem em espectáculos pagos e não vemos vantagem em trazer para a ribalta exemplares da falta de ensino proficiente do boxe.

R. Barradas



Uma das fases mais emocionantes do combate entre Martins e Larsen



Marcel Blomme, tenista belga da melhor qualidade



Pedro Masip e D. Maria Irene junto de um dos pares que venceram, Seabra Pinto e D. Manuela da Cunha Rosa



D. Maria Irene Silva Araujo e Peggy Brixhe, quando esta venceu, com brilho, a final da prova de senhoras

Campeonatos de TENIS da CURIA

QUE finais de Tenis! Nunca mais nos venham dizer que o tenis não é um jogo espectacular. Até emocionante. Praticado por jogadores de má qualidade torna-se uma sensaboria, mas quando estão na pista virtuosos da raquete, de perfeita execução e golpe de vista formidável, o tenis adquire, então, uma beleza que empolga. À graça da atitude junta-se a força do atleta.

É difícil reunir, como aconteceu na Curia, devido à iniciativa de Gil de Almeida, presidente do Curia Palace Sport Clube, um grupo tão excelente de raquetes: campeões franceses, espanhóis e belgas, e os melhores jogadores nacionais.

O caminho das finais estava cheio de dificuldades! Certamente, os mais fortes chegaram à zona dos títulos, mas para isso tiveram de se empregar a fundo, algumas vezes, lutando contra a falta de sorte e o ânimo dos adversários.

Mais de sessenta tenistas disputaram energeticamente as provas, sendo as taças em número de 38. Houve encontros monótonos, mas foi preciso esse crivo das eliminatórias para chegar à grande tarde das finais...

Na prova individual de homens bateram-se Cochet, o artista inimitável do jogo da raquete, e Szawost, o tipo do jogador enérgico e batalhador. A força e o espírito de combatividade do jogador espanhol foram suplantados pela técnica científica, de execução inteligente, de um homem que nasceu para o tenis... Houve jogadas fantásticas, umas de força e outras de colocação.

Na prova de senhoras, Peggy Brixhe, forte jogadora, conquistou o título, derrubando uma tenista de qualidades e de futuro.

O misto foi ganho pelo par que, em toda a competição, demonstrou maior valor e agiu com mais eficácia.

A final de pares-homens pôs frente a frente duas formações de campeões: de um lado, os espanhóis Masip e Bartoli; do outro, os franceses Cochet e Moreau. A competição desludiu um pouco. Ou porque Cochet estivesse extenuado, ou por má inspiração, o certo é que os espanhóis dominaram. O antigo pelotari Masip, uma vocação do jogo, e Bartoli, um jogador correctíssimo, deram uma lição de harmonia e de boa combinação. Os franceses renderam-se.

Na Curia, os tenistas estrangeiros viveram momentos inesquecíveis. É pena que não haja um ou mais portugueses capazes de equilibrarem o jogo, para o interesse ser completo. Apenas José Roquete luta, e sabe lutar, em igualdade de circunstâncias. É pouco, sem dúvida. Mas que havemos de fazer?

T. S.



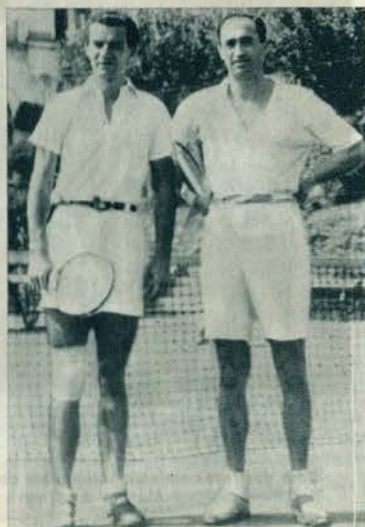
Van Tomme e Luis Amarel, depois de disputarem o seu jogo da «Taça Manuel Nunes dos Santos»



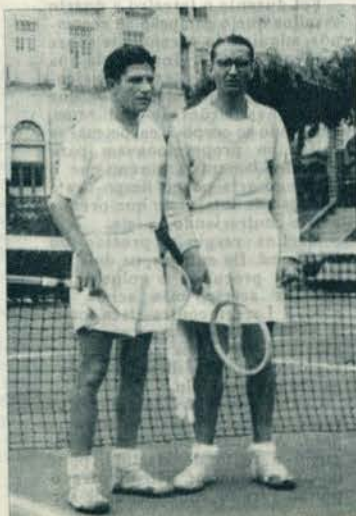
Bartoli e Masip, o par vencedor da Curia, que dominou todos os adversários



Cochet e Szawost na final, a mais bela competição dos campeonatos da Curia



Szawost e Moerman no encontro em que este foi eliminado



Masip e José Roquete. O tenista português, bom campeão, foi eliminado, mas após trabalho esgotante do adversário



Henri Cochet e Jacqueline Cochet — um par de indiscutível classe!

CAMPEONATOS NACIONAIS de ATLETISMO



Parece que houve dúvidas na vitória de Nuno Morais, do Sporting, nos 200 metros. Nuno Morais prepara a sua queda, sobre o fio da chegada. Mas haverá dúvidas?



Também se ouviram protestos nos 100 metros por causa da classificação de Manuel Núncio, do Porto. O portuense está na ponta, junto à linha limite; em grupo, Nuno Morais e Paquete; encoberto, Eleutério, que o júri classificou em 3.º. O leitor poderá observar...



Os atletas concorrentes aos 1.500 metros numa passagem, ainda agrupados



Os corredores de 5.000 metros em plena prova



Matos Fernandes, vencedor dos 400 metros barreiras, segue já com vantagem



Manuel Silva, campeão nacional do disco num dos seus lançamentos



Sampaio Peixoto — destaca-se para ganhar os 400 metros planos

Na última jornada

dos campeonatos regionais

distinguiram-se Mário Simas, Manuel Ricciardi, Luís Sebastião e Maria Helena Lopes Mendes

Deixou boa impressão a última ronda dos campeonatos regionais, muito embora, ao contrário do que sucedeu nas jornadas anteriores, não tivesse havido melhoria de recordes. Mas houve provas bem disputadas — especialmente nas categorias inferiores — e alguns «tempos» de valor.

De modo geral, pode afirmar-se que o progresso entre os «iniciados» e os «principiantes» é notório, quer no que respeita a «estilo», como no que se refere a marcas obtidas. Os seniores estacionaram — com excepção de Mário Simas — ou, talvez melhor, retrocederam. Nesta categoria, de momento, o panorama não é dos mais animadores.

Estes «regionais» de 1947 — que a A. N. L. organizou cuidadosamente — tiveram, ainda, secundariamente, alguns aspectos interessantes, que merecem relevo: o renascer do Nacional de Nataação e do Pedrouços, ambos em indiscutível movimento de recuperação, a presença do Sporting, digna dos melhores aplausos, e a persistência esforçada de Maria Helena Lopes Mendes.

Mário Simas em evidência

A melhor marca da noite pertenceu a Mário Simas, com uns excelentes 100 metros-livres, que lhe deram mais um título — o terceiro individual — e um magnífico «tempo»: 1 m. 02,8 s. Aliás, esta prova foi das mais bem disputadas do programa. A luta para os lugares secundários esteve indecisa até o fim. Pereira Bastos (1 m. 09,2 s.) e Belmiro Santos (1 m. 10,2 s.) travaram boa luta. Independentemente disso, outro grupo lutou palma a palma: Salgado, Artur Malheiro e José Cabral Júnior, obtendo «tempos» que lhes não são vulgares — 1 m. 11 s.; 1 m. 11,2 s. e 1 m. 11,3 s., respectivamente. A prova teve, assim, vibração desusada e valeu bastante como espectáculo.

Na estafeta olímpica de 4x200 metros-livres, a turma do Estoril marcou a esperada superioridade. O elenco do Algués lutou com entusiasmo. Mas a prova nada teve que mereça registo. Marcas respectivas: 10 m. 52,4 s. e 11 m. 05,4 s.

Guilherme Patroni — o júnior número um

Guilherme Patroni realizou a bonita proeza de coleccionar cinco títulos individuais e um colectivo. Falhou, portanto, numa prova apenas: nos 200 metros-bruços. Infelizmente para a modalidade, não teve adversários que o apoquentassem.

Os 100 metros-costas correu-os à vontade, mas em excelente «es-

tilo». Em qualquer das modalidades, Patroni é, fundamentalmente, um estilista. E a corrida, afinal, resumiu-se a uma prova interestóica do S. A. D., com dois concorrentes apenas: Patroni (1 m. 23,8 s.) e Carlos Franco do Vale (1 m. 26,9 s.). É triste, temos que concordar l...

E na 4x200 metros-livres, ... o Algués correu sozinho!

Amílcar Nabais, Carlos Pereira Dias, Alfredo Janardo e Patroni cobriram, monótonamente, a distância em 13 m. 10,9 s. É preciso, pois, muito cuidado e muita ponderação quando se fala no progresso da nataação portuguesa.

Duas excelentes corridas de principiantes

Aqui, sim. Entre os principiantes, há, de facto, progresso. O problema reside, apenas, no seguinte: conseguirão os principiantes de hoje manter o ritmo de progresso em que se encontram?

Em qualquer dos casos, as melhores honras da noite pertenceram-lhes, pelas duas magníficas finais que disputaram: 100 metros-livres e bruços.

Manuel Roquete Ricciardi, João Franco do Vale e Jaime Moniz foram os vencedores da prova, permita-se a expressão. Três magníficos «sprinters», lutando como campeões, em «tempos» de excelente e indiscutível classe: 1 m. 11,1 s., 1 m. 11,8 s. e 1 m. 11,9 s. respectivamente.

Os 100 metros-bruços tiveram final empolgante. O esperançoso Luís Ricardo Sebastião teve um arranque magnífico, e venceu sobre a meta, em 1 m. 31,4 s. O «tempo» não é, de facto, famoso, mas temos que nos lembrar que Ricardo Sebastião está mais à vontade, em distâncias superiores. José de Almeida Figueiredo fez, também, uma excelente corrida, perdendo nas derradeiras braçadas. Marca: 1 m. 31,7 s.

Eduardo Murta Barbeiro um valor!

Extraordinário, este Eduardo Murta Barbeiro, das mais raras promessas do grupo de novos do S. A. D.

Depois de obter, há dias, o excelente resultado de 1 m. 09,4 s. nos 100 metros-livres, triunfou, agora, nos 100 metros-costas da sua categoria. É o mesmo nadador magnífico, tal como no «crawl» de frente. Prende, de facto, vê-lo nadar. Marca, excelente: 1 m. 21,6 s.

As provas femininas

Maria Helena Lopes Mendes, do Sporting, voltou a distinguir-se, averbando mais dois títulos.

Comentarios

Novos preceitos no futebol espanhol

Antes da abertura da nova temporada, oficialmente marcada para 21 de Setembro, a Direcção da Federação Espanhola de Futebol tomou importantes decisões, algumas das quais estabelecem novos preceitos no regime de vida da modalidade.

O presidente, dr. Muñoz Calero, numa exposição aos jornalistas, deu conta das modificações introduzidas e das inovações a experimentar, algumas das quais são deoerças curiosas.

Assim, por exemplo, o mecanismo de designação dos árbitros e, até, a sua própria classificação, sofreu totais alterações. Estabelece-se uma lista geral, cujos componentes ficam divididos em três classes, a primeira com catorze árbitros, designados em obediência a um cálculo de pontuação, perfeitamente estudado.

As subvenções de arbitragem são bastante aumentadas e a designação dos árbitros para os jogos passará a fazer-se por rigoroso sorteio, podendo portanto dar-se o caso do árbitro pertencer à mesma região de qualquer dos clubes contendores.

O seleccionador nacional terá os mais amplos poderes para o desempenho das suas funções, cabendo-lhe o direito de fiscalizar e intervir no estado físico, moral e técnico dos jogadores, tendo em vista um plano de conjunto, no qual se estabelece a ficha média obrigatória para os preseleccionados e se admite a possibilidade de ficarem estes ao dispor do seleccionador desde o começo da temporada.

Ficaram retidas quatro datas para jogos internacionais, mas por enquanto só está garantido o encontro com Portugal, em 21 de Março, em cidade a designar. Estão em curso negociações com os organismos dirigentes suíço, belga, holandês, irlandês e sueco e do seu resultado dependerá o preenchimento do programa previsto.

O presidente declarou ainda que serão agravadas as penas aplicáveis aos jogadores que cometam faltas de desportivismo ou corrupção, exigíveis a todos os praticantes. Comentando este propósito, o jornalista J. D., irónicamente, escreveu: «Na época próxima serão severamente punidos todos os futebolistas incorreclos. Mas, então, quais são os que jogam?»

Portugueses nos Jogos Olímpicos

Praticamente a um ano da celebração em Londres dos Jogos Olímpicos, por todo o Mundo se desenham as directrizes de preparação e escolha daqueles a quem há-de pertencer o encargo honroso das representações nacionais.

Em Portugal, até hoje, nada se fizera ainda, com significado concreto, que se relacionasse com tão importante problema. O Comité Olímpico, no cumprimento do mais elementar dever da missão que lhe está incumbida, transmitiu aos organizadores a inscrição do nosso país; mas este acto traduz apenas uma questão de princípio e não envolve compromisso de responsabilidade, porque na actual legislação desportiva portuguesa a autorização para participar em competições internacionais é de exclusiva competência do Sr. Ministro da Educação Nacional, por proposta da Direcção Geral dos Desportos.

O assunto começa agora a ser estudado nas bases devidas, pois os presidentes de todas as federações regendo desportos olímpicos receberam uma convocação para se reunirem na terça-feira próxima, sob a presidência do Sr. Director Geral dos Desportos, a fim de lhe exporem as suas possibilidades e necessidades com vistas ao torneio olímpico.

Não podemos prever qual a solução encarada para o problema, dentro do critério indiscutível da conveniência da presença portuguesa. Entre o pessimismo dos que não nos reconhecem classe suficiente e o optimismo de outros que preconizam larga representação, deve ficar ao justo meio termo.

Portugal tem velejadores com provada competência; talvez sejam mesmo, na actualidade, estes os únicos com incontroversa competência. Mas os aliradores, os esgrimistas, os remadores, os atletas e os nadadores podem fazer valer aspirações a considerar ou pôr em plano direitos tradicionais.

O estudo da questão encontra-se nas mãos competentes; espere-mos confiadamente pelos acontecimentos.

Não sendo dotada de grandes qualidades naturais, Maria Helena merece, no entanto, os aplausos da crítica, pelo seu espírito desportivo.

Coincidência curiosa: Maria Helena Mendes, nos 100 metros-costas, juniores, e Suzete Rodrigues, iniciada, em igual distância, obtiveram, precisamente, o mesmo «tempo»: 2 m. 01 s.

Odete Maria Nobre marcou boa superioridade nos 100 metros-livres, principiantes, obtendo 1 m. 30,4 s.

No conjunto do programa temos, pois, em onze provas disputadas, seis títulos para o Algués, três para o Estoril-Praia e dois para o Sporting.

Abreu Torres

Pode dizer-se, afoitamente, que a estreia internacional de *nuestros hermanos*, na modalidade oquistica, foi coroada do melhor êxito. Para alguma coisa servia, portanto, a ida do Paço de Arcos a Barcelona... Que o Oquei de Sintra completou, como lhe campria. Certo é, sem dúvida, que a estreia internacional da equipa da Real Federación Española de Hockey y Patinaje teve retambância — e constituía, ao mesmo tempo, leçanha de tomo. Na realidade, alcançar um honrosíssimo terceiro lugar, logo na primeira competição, não é proeza para qualquer... O mesmo não sucedeu a Portugal, por exemplo, quando há 17 anos foi jogar a Herne-Bry! E, no entanto, os portugueses são agora campeões do Mando...

Como termo de comparação — enquanto a Espanha, na estreia internacional dos seus oquistas, em 17 de Maio do ano em curso, obteve, no pavilhão do Parque Eduardo VII, em Lisboa, um bellissimo triunfo, por 2-1, sobre a selecção helvética — vejamos quais foram as marcações das outras equipas em circunstâncias idênticas. Temos: *Inglaterra-Suiza*, 8-0 (8/4/926); *Itália-Suiza*, 0-7 (9/4/926); *França-Inglaterra*, 2-2 (9/4/926); *Bélgica-Alemanha*, 1-4 (10/4/926); *Portugal-Inglaterra*, 1-5 (7/5/930); *Espanha-Suiza*, 2-1 (17/5/947). Quer dizer: simplesmente alemães, britânicos e espanhóis se estrearam triunfantemente. E os franceses com empate. Tanto portugueses, como belgas, italianos e suíços, registaram derrota na estreia! Portanto, a estreia vitoriosa da Espanha, culminando, para a classificação, em posto de honra, significa «qualquer coisa» — e de muitíssimo bom. E, em suma, um excelente princípio...

Mas os espanhóis, já um mês antes de terem vindo a Lisboa, haviam obtido bom resultado, no torneio de Montreux, competição que não conta oficialmente. Ficaram a meio da classificação — quarto lugar entre sete concorrentes — com seis pontos, dois à melhor sobre as equipas belga de Antuérpia e gaulesa de Lião — e três mais do que a helvética de Montreux; à sua frente, apenas, a um ponto de vantagem, os italianos de Monza, os britânicos de Herne-Bry, com dois mais, e os portugueses de Lisboa, que foram os vencedores, totalizando dez pontos. No torneio de Montreux, em Abril, autêntico «preliminar» daquele que um mês decorrido viria a disputar-se em Lisboa, a terna catalã do Barcelon-Gerone composta de Nadal, Róbio, Serra, Más, Trias e Gallén) obteve, por ordem, os resultados seguintes: contra os franceses de Lião (Scarmagnon, Besson, Malval, Sellier, Amorice e Marchand) — derrota de 0-1; contra os suíços de Montreux (Crosa, Gervaz, Martinelli, Millasson, Maffei e Mary) — vitória por 6-0; contra os portugueses de Lisboa (Cipriano, Lopes, irmãos Serpas e primos Correias) — derrota de 3-6; contra os britânicos de Herne-Bry (Pleyton, Mount, Walters, Goodal, Spice e Benet) — derrota de 3-4; contra os belgas de Antuérpia (De Winter, Dictas, De Vos, Wervloedt, Loots e Arcay)

NOTAS À MARGEM

do Campeonato Mundial de Oquei

V — A equipa de Espanha

— vitória por 5-2; e, finalmente, contra os italianos de Monza (Massironi, Arnaboldi, Kollmann, Germini, Zaffaroni e Castoldi) — vitória por 4-3. Estas duas últimas vitórias garantiram aos catalães a quarta classificação; e tiraram aos italianos o segundo lugar, ou, até, a possibilidade, desde que derrotassem os portugueses, de virem a ganhar a prova! Em resumo: 3 vitórias, 3 derrotas e 21-14. Como indicação...

A «confirmação de poderes» verificou-se depois em Lisboa. A equipa de Espanha — precisamente a mesma que joga na Suíça, com a única substituição do sapiente, Gallén, do Natación de Reus, por Caula e Basso, ambos do Gerundense — mostrou-se firme e bem apetrechada. Em relação à classificação melhorou um posto e um ponto! Até em resultados técnicos — pois voltou a bater a Itália (também

por 4-3) derrotou a França (3-2); e lêz 1-2 contra Portugal. Mas convém dizer que, se é verdade terem estado em Lisboa os melhores oquistas europeus, já cá do Mando, na Suíça as equipas — à parte as da Espanha e de Portugal — não foram precisamente as mesmas. Isto teve a sua influência — e contribui para dar ainda maior valor à terna espanhola. Que o demonstrou através das suas exibições. E o qual valor teve, como prémio, aliás merecidíssimo, a inclusão do seu guarda-redes, Pedro Nadal, no misto que enfrenta os campeões do Mando.

Os espanhóis, que em desporto são como nós, teimosos e atrevidos, devem ter evoluído bastante desde a visita do Paço de Arcos a Barcelona. Tanto assim que o Oquei de Sintra já não pôde «passar» confiadamente... Que sucederá a qualquer grapo lusitano que lá vá agora?! Mes-

mo o Paço de Arcos não deve encontrar tanta facilidade... Há que contar, pois, com a Espanha — «inimigo» desportivo n.º 1 de Portugal, mas a nação amiga de sempre noutras actividades. De resto, tratando-se de um vizinho, que nos está mesmo ao pé da porta, é preciso cautela, muita cautela até! Cremos que as seleções oquisticas (não esqueçamos que a Espanha tem recursos maiores em densidade populacional e de território) com *nuestros hermanos* vão confirmar e continuar uma velha e tradicional rivalidade desportiva. Atenção, campeões do Mando, a uma equipa que denota reais possibilidades e nos está peritinho! E não se esqueçam de que os espanhóis foram os mais perigosos adversários que os intermeratos oquistas lusitanos deironteram na prova do Pavilhão dos Desportos: aquele empate a um golo, tanto tempo, fez saores frios a muitíssima gente!!!

Uma circunstância influiu e prevaleceu na terna de Espanha: a coesão. Realmente, houve um tal poder de entreajuda, que, visto à distância, confirma a boa sequência dos resultados. E com um médio como Augusto Serra, excelente, considerado entre os melhores no lugar e o melhor da equipa, com um guarda-redes segaríssimo, seleccionado para o misto, como o foi Pedro Nadal, e com dois avançados da qualidade de Anton Más e de Jorge Frias, qualquer *team* é bom! Provaram-no os espanhóis — cuja equipa fora escolhida na «base» de dois clubes da Catalunha: o Desportivo Español (de que vieram a Lisboa três homens: Nadal — o guardião que, com o veterano De Winter, da Bélgica, menor número de golos consentia depois do nosso «herói» Cipriano! — Luis Róbio, defesa, e Trias) e o Gerona (com Serra e Más) Ossapientes — Emilio Caula e Ramón Basso — são ambos do Gerundense. E provaram-no, repita-se, muitíssimo bem. Como talvez nem eles próprios ousssem crer... Nas três últimas jornadas, então, perdido já o «pavor» da estreia, foram simplesmente admiráveis: com 3-2 à França (que na véspera derrotou a Itália por 1-0), com 1-1 à Bélgica (que também na véspera, isto é, na noite do Espanha-França, dera um alêgrão aos portugueses por ter batido a Inglaterra!!!), e, finalmente, com 4-3 à Itália. Que dizer de uma equipa assim?! Acobemos como começámos: — ... a estreia internacional da Espanha foi coroada do melhor êxito e para alguma coisa servia a ida do Paço de Arcos a Barcelona...

Jorge Monteiro

A seguir:

VI — A equipa da Bélgica

BASQUETEBOL

Vantagem de Lisboa sobre os outros centros

Na época de 1946-47, há poucos dias terminada, o basquetebol português teve no campo internacional uma actividade até agora desconhecida. Pela primeira vez foi disputado um torneio entre as melhores equipas da Península e, pela primeira vez, também, um «team» representativo de uma nação americana atravessou o Atlântico para jogar em Portugal.

Desnecessário se torna encarecer o valor desportivo de tais iniciativas, que, além dos grandes benefícios que proporcionam aos jogadores, igualmente se prestam para estabelecermos comparações sobre o mérito do nosso basquetebol em relação aos dos países que nos enviam as suas representações.

Deixemos, porém, para os próximos números, a análise do palpitante assunto. Ocupemo-nos hoje das competições realizadas, durante o ano, entre equipas portuguesas.

Depois das provas regionais, ganhas nos três principais centros, pelo Benfica, Vasco da Gama e Olivais, começaram a disputar-se os campeonatos nacionais da 1.ª e 2.ª Divisões, com o concurso das mais destacadas equipas de Portugal. Na divi-

são maior, a luta entre o Benfica e o Vasco da Gama decidiu-se a favor do primeiro, que, assim, conseguiu manter o título na época anterior conquistado. A vitória no torneio foi absolutamente merecida, pois que o Benfica demonstrou possuir a equipa mais homogênea de quantas disputaram o campeonato. Entre os restantes «cinco», deve realçar-se a acção do Olivais — estreante da prova — que, não só em Coimbra como nos terrenos adversários, alcançou excelentes resultados e proporcionou ao público acertadíssimas exibições.

No Campeonato da 2.ª Divisão, o triunfo pertenceu ao «velho» Flaviat — um clube a quem o basquetebol muito deve, pela sua persistente acção de propaganda desde a infância da modalidade. Foi seu antagonista, no final, o «cinco» do Desportivo da CUF, que pela terceira vez consecutiva nesta prova chegou à final e perdeu...

O último campeonato Nacional que o calendário compreendia, era reservado à categoria dos juniores e foi brilhantemente arrecadado pelos jovens atletas do Sport Lisboa e Benfica, que

(Continua na página 15)

A MADEIRA DESPORTIVA!

ESTA' em LISBOA o dr. REIS GOMES

AS vitórias do MARITIMO e o desporto local...



Dr. Alvaro Reis Gomes, conhecido desportista e presidente da Assembleia Geral do Marítimo do Funchal

O desporto na ilha da Madeira — eis um assunto sempre de palpitante interesse. Apesar de, nos últimos tempos, não termos tido contacto directo com o seu futebol, não o esquecemos, nem tão pouco a sua contribuição anual, na prova a eliminar.

Quere dizer, gostamos sempre de conversar sobre o futebol das Ilhas, e ninguém mais indicado do que o sr. Dr. Alvaro Reis Gomes, para este cavaco.

Soubemos que o ilustre madeirense vinha a Lisboa, no goso de férias dos seus afazeres profissionais, aproveitando no entanto a oportunidade para tratar de vários assuntos que se relacionam especialmente com a renovação do inter-câmbio desportivo entre Lisboa e Madeira.

O dr. Alvaro Reis Gomes é um desportista pleno de entusiasmo e um dirigente com valiosa soma de trabalho dedicado ao desporto. Já o tivemos entre nós, representando a Associação do Funchal, em cargo directivo da Federação Portuguesa de Futebol. E, além de ter sido, por várias vezes, o presidente da Associação de Futebol do Funchal, a última das quais na época transacta, o dr. A. Reis Gomes é desde há muitos anos o presidente da assembleia geral do Sport Clube Marítimo — o glorioso clube antigo campeão de Portugal — e sócio de mérito da Associação de Futebol e, mais recentemente, da Associação de Voleibol do Funchal.

O dirigente do Marítimo começa por nos dizer:

— Os últimos jogos efectuaram-se no dia 6 de Julho, terminando uma época em que estiveram em actividade e quatro clubes: Marítimo, União, Nacional e Sporting.

A temporada finda foi a que mais trofeus teve em disputa, mas nem sempre as equipas tiveram actuação regular. O público, de maneira geral, também não compareceu, como seria de esperar.

— Falta de interesse?

— Não é bem isso. Há dois motivos: a baixa de forma dos grupos (é o bom futebol que atrai) e a distância relativamente afastada do centro da cidade a que se encontra o campo dos Barreiros, único recinto de jogos oficiais. Os transportes não são o que deviam ser: carreiras mais frequentes e a preços económicos.

— O futebol madeirense sempre nos deu elementos de valor. Manter-se-á contribuição?

— Se, actualmente, os conjuntos não são famosos, já o mesmo se não pode dizer da maioria dos jogadores madeirenses. Estão a surgir jogadores com extraordinária habi-

lidade. Deve, mesmo, registar-se um por menor valioso: no futebol madeirense, o grupo dos seus melhores elementos é constituído por gente nova; rapazes que há pouco deixaram os *teams* de juniores. No Marítimo, por exemplo, no seu grupo de honra, contam-se cinco jogadores vindos dos juniores e o treinador Alexandre Rodrigues tem preparado com grande e inextinguível dedicação.

— Que se pensa do contacto desportivo com Lisboa?

— Esse aspecto anima sempre todo e qualquer programa de trabalhos que se orienta na actividade do desporto madeirense. A vinda de um grupo da Associação de Futebol do Funchal à disputa da «Taça de Portugal», renovando a tradição, é aguardada com o mais vivo interesse.

Mas também se pretende ligações entre Lisboa e Madeira por visitas das equipas de maior cartel — o que tentei por todas as formas no ano

renses. Os adeptos deste jogo aumentam a todo o momento, e o campeonato regional que já na última época foi rijamente disputado, será de novo, o reflexo desse interesse.

— Nos outros desportos?
— Principiou a época de natação, mas no torneio preparatório apenas compareceram o Madeira e o Nacional. Deste há a salientar os nadadores José da Silva e Vasco Abreu, campeões da Madeira, que já vieram disputar com êxito, os Campeonatos Nacionais e continuam em grande forma. Ainda não principiou o torneio de «Water-polo» cujo título está na posse do Marítimo. Nestas e noutras provas devem tomar parte outros grupos. As provas disputam-se no «Lido» cujo proprietário é verdadeiramente incansável mas faz falta um Estádio Náutico a que a Câmara promete meter ombros.

O basquetebol vai iniciar a sua actividade. Eleita a direcção da Associação Regional,



A equipa do Clube Sport Marítimo, campeão de futebol da A. F. Funchal

passado quando presidia à A. F. F. — e até por intermédio de outras modalidades desportivas.

Nesta minha visita a Lisboa trago do presidente da Associação de Voleibol o encargo de ultimar as diligências para que a selecção de Lisboa de voleibol vá à Madeira disputar um jogo inter-cidades. E na ilha há entusiasmo por este encontro; o voleibol conquistou as simpatias dos madei-

preparam-se os primeiros jogos. Os clubes estão já treinando os seus representantes; neste momento procura-se conseguir um campo em condições para os jogos oficiais.

O Sr. dr. Reis Gomes volta a falar-nos do futebol madeirense, pondo-nos em destaque o facto do Marítimo ter ganho onze dos doze torneios de futebol que esta época se disputaram. Bela colecção!

— O antigo campeão de Por-

tugal, diz-nos, mercê do esforço dos seus dirigentes, tem uma equipa de valor, que está melhorando a olhos vistos e que ainda no seu último encontro, pondo em prática o sistema de jogo W.M. fez uma exibição muito agradável derrotando o Nacional, seu mais directo competidor, pelo expressivo score de 6-11.

Durante a época de futebol, o Marítimo apenas sofreu duas derrotas... Eis o apontamento dos torneios disputados:

Categorias de honra: Torneio Preparação (posse definitiva do bronze); Taça Recordações da Madeira (posse definitiva do trofeu); Campeonato Distrital (posse definitiva do trofeu); Taça «Koller» (posse definitiva do trofeu); Taça Mabor (posse por um ano); Torneio Relâmpago (posse definitiva do trofeu); Taça Madeira (posse do trofeu por um ano); Taça da Cidade (posse do trofeu por um ano).

A excepção do torneio da «Taça da Cidade», conquistada pelo Nacional, todos os outros torneios foram ganhos pelo Marítimo.

Categorias inferiores: Campeonato regional de reservas; Torneio especial de reservas; Campeonato regional de segundas categorias; Campeonato da Mocidade Portuguesa na categoria de juniores.

Todos estes torneios foram ganhos pelo Marítimo.

Além destes trofeus há ainda a acrescentar os prémios pecuniários atribuídos pela Junta Geral, Câmara Municipal, Fábrica Mabor e pelo desportista Rolph Koller, que foram conquistados, com excepção do da Câmara, pelo Club Sport Marítimo.

Por estas informações pode-se, pois, avaliar a magnífica actividade do desporto madeirense, especialmente do seu futebol, em que o Marítimo se destaca legitimamente como o melhor grupo da Madeira.

F. S.



Manuel dos Santos estreiava-se no passo natural, talvez com os pés muito unidos para poder girar, mas com evidente valentia, e correndo bem a mão. Assim o fez em Barcelona e no Campo Pequeno

ras, se pode fillar Manuel dos Santos, com a diferença de «son» que vai da Andaluzia ao Ribatejo, de Sevilha à Golegã. Ambos são portugueses e ambos merecem o nosso estímulo.

Na nocturna de 5.ª feira Pepin Martin Vasquez teve «el santo de espaldas», como dizem os espanhóis. Foi inútil tudo o que de bom fez no seu 1.º, tão pequeno que o público protestou, e com razão. Que disto não teve culpa o toureiro que a Lisboa chegou à hora da corrida e se limitou a aceitar os touros que lhe deram em sorteio. O 2.º de Pequim era aberto de hastes e usou-as a torto e a direito até à hora de se simular a morte, aguardando, parado, e em guarda, que o toureiro entrasse para o agarrar pela certa. Em Espanha matam-se estes touros como se pode, e quando se pode. Pepin fez o que podia e, porque mais não podia contra a parte adversa, retirou-se a bastidores, isto é, aos «burladeros», mas até com estes os mansos de Coimbra investiram, arrancando-os, escavacando-os.

«No quiero que me defenda y prefiero diga la verdad» — disseram Pepin, afirmando que esteve mal, ele que em Espanha vem realizando a melhor das temporadas, em quantidade e qualidade, com orelhas consecutivas, até ao lado de «Manolete».

Portanto, aqui o registamos: Pepin Martin Vasquez, que precisamente nesta hora quero declarar ser dum dos meus dois preferidos, esteve mal na última nocturna do Campo Pequeno.

Bem, muito bem, estiveram os dois «espadas» portugueses. Diamantino Vizeu e Manuel dos Santos, estusiamaram-nos!

Diamantino usou da capa e da «muleta» com a sua característica serenidade, parado e erguido, superiormente com a mão direita, espectacular nas «manoletinas» e mais ainda no tocar das hastes e no afagar do focinho, abandonando a «muleta», teatral, esplêndido, e solene até nas voltas à arena, repetidas, e com saudações final, no meio da praça.

Ambos bandarilharam muito bem, Manuel dos Santos superioríssimo num dos touros, e bem com a «muleta», sabendo correr bem a mão esquerda, dando a cada touro a lição indicada e obtendo o maior rendimento do mais difícil. Também deu voltas à arena e foram os dois, ele e Diamantino os triunfadores da corrida que nos deu a certeza de já as podermos ter com maioria de «espadas» portugueses.

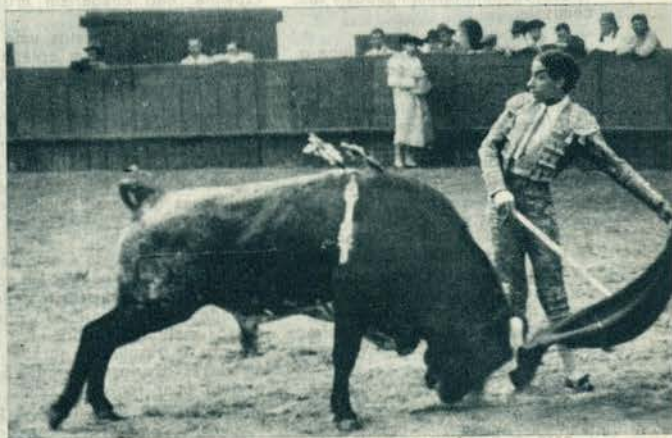
Aos triunfos dos dois jovens «espadas» juntou-se o do cavaleiro, D. Francisco de Mascarenhas, valente e alegre, bem montado e bem animado, em farpas compridas, curtas e curtíssimas.

Assim, com um cavaleiro pelo menos com um «espada» estrangeiro, espanhol ou mexicano e dois portugueses, que já os temos que cheguem, organizem-se corridas em Portugal, a preços mais acessíveis, com público e bom resultado para todos.

Ontem foram o de Lisboa e o da Golegã, amanhã pode ser o de Alcochete, Augusto Gomes, depois os outros do Ribatejo, os que este ano vinam em Sevilha e os que por lá andam ou têm andado. Já era tempo!

E ainda bem.

SEVILHA-LISBOA-GOLEGÃ



Diamantino Vizeu dá o passe natural com certa dificuldade no correr da mão, mas espectacularmente, olhando o público tal como Manolete. E o público não é diferente a isto que o «aficionado» pode, aliás, condenar



Pepin Martin Vasquez dá toda a mestria no manejo da «muleta» com a esquerda — a mão da verdade — e o seu passe natural é compendio de arte e saber, prodígio de perfeição, mandando bem e sem denunciar esforço

A cidade capital do Norte precisa de melhorar no futebol. Para não dizer — em todos os desportos. A cidade do Porto marca como centro desportivo. Há uma população que admira a Educação Física. Que se bate pelo prestígio da sua terra. Mas é preciso que auxiliem o mais possível as suas iniciativas.

Mosaicos nortenhos...

Parece que os clubes portugueses, pelo menos os mais importantes, trabalharam com a máxima cautela até ao dia 31 de Julho findo. Talvez não conseguissem reforços de grande vulto. Mas, pelo menos, evitaram que os seus quadros ficassem desfalcados.

Já é bastante. Os emissários rondaram alguns jogadores, até em número considerável, mas não conseguiram grandes êxitos... Até os que foram mais falados, durante a época, se mantiveram ligados à sua camisola.

Genhou o Leixões Sport Clube o campeonato regional de voleibol. Parabéns ao clube de Matosinhos. Embora o torneio não decorresse com a necessária regularidade, o título assenta-lhe bem, visto que foi conquistado à custa de vitórias que não ofereceram dúvidas.

Levantou-se discussão sobre o lugar obtido pelo F. C. do Porto no campeonato nacional. Pretenderam alguns que o campeão regional foi 4.º e outros 5.º — e afinal nem uma coisa nem outra. O F. C. do Porto foi 3.º indiscutível.

Vejamos o caso à luz dos números: Porto-Belenenses 2-0 e 0-0 — igual a 3 pontos para o Porto e 1 para o Belenenses. Porto-Estoril, 2-1 e 1-3 — igual a 2 pontos para o Porto e 2 para o Estoril; Belenenses-Estoril, 4-0 e 5-0, igual a 4 pontos para o Belenenses. Total: Porto, 5 pontos; Belenenses, 5 pontos; Estoril, 2 pontos.

Ficam de pé — o Porto e o Belenenses. O primeiro, portanto, elimina o segundo, com uma vitória e um empate. Aqui, o «goal-averaagem» não conta.

Está bem ou não está?

Um ciclista português, que aprendeu no Porto, que se fez no Porto, foi entrevistado *mais uma vez*, também no Porto. E fomos então uma série de fanfarronadas que é de pôr os cabelos em pé. O Porto, para o rapaz, é uma coisa de infelizar impotência. Como esta gente muda quando parte para ares...

Continuamos sem natação. Não há nadadores? Os clubes abandonaram as suas secções? Talvez seja mais ou menos assim. Mas também parece que a entidade dirigente, afinal, não dá acordo de si. Nem notícias de organizações, nem campeonatos, nem o mais leve sopro de vida da sua parte.

Bem sabemos que o facto de não existir uma piscina, ao menos um tanque, tem desmoralizado uns e outros. Todavia, sem luz, nada se

consegue, meus senhores. Lutemos sempre, para que mais hoje mais amanhã alguma coisa possa seguir-se. Não será assim?

A nossa Revista já fez referência à magnífica vitória do Vasco da Gama sobre a selecção da C. B. de Basquetebol. Claro que não lhe dedicámos páginas, porque nem o acontecimento era heróico, nem o «Stadium» costuma fazê-lo. Se fosse assim, quando vencemos a Espanha, não chegaríamos muitos números...

Mas, depois de termos uma entrevista do Pina, num colégio lisboeta, ficámos desencantados. Chegou a notícia normal sobre o triunfo vascoino. Segundo o excelente avançado português, os brasileiros «quase» são vulgares. Não impressionaram o Vasco da Gama.

Ora, se assim foi, os campeões portugueses ganharam a um grupo como há muitos...

Não. O Vasco da Gama derrotou uma bela equipa. Em nosso entender, os brasileiros têm classe elevada, são melhores do que os nossos melhores grupos. Por isso mesmo, o resultado agrada aos amadores do nosso basquetebol e poderá ficar registado como bellissima proeza do campeão português.

O contrário seria desvalorizar a vitória.

Anuncia-se que o F. C. do Porto dispensou Octaviano, Manuel dos Anjos, Zeca, Francisco, Toninho e Alvarenga — tudo jogadores que já alinharam na sua 1.ª categoria. Não virão a fazer-lhe falta?

Claro que Szabo, o treinador, há-de ter feito bem as suas contas. Como a direcção do clube. No entanto...

Alguns destes jogadores, segundo parece, escolheram já o seu clube. Santo Tirso, o grupo do «Pingo», foi contemplado...

Selqueiros — nome popular no Porto, também procurou reforçar-se. Ou melhor: procura reger jogadores que lhe levariam, e isso já não é nada mau...

Bem merece o Selqueiros a subida para um lugar que já ocupou. Dos mais populares clubes do Porto, o clube encarnado da cidade faz falta nos campeonatos com uma boa equipa. Se vier a confirmar-se o boato corrente, assim acontecerá.

Causou certa impressão o facto do Académico se haver representado em Lisboa, nos campeonatos nacionais, apenas com o seu atleta Sampaio Peixoto. Para um

CAMPEONATOS REGIONAIS

A questão dos campeonatos regionais preocupa actualmente a Associação de Futebol do Porto. O sr. dr. Custódio de Sousa, seu secretário geral, tem assistido em Lisboa a reuniões importantes com a Federação, mas até o presente momento ainda não foi possível resolver o problema de um modo definitivo.

Todavia, em boa verdade, o caso interessa muitíssimo a diversos clubes da capital do Norte. Sabemos que a um deles nem interessa nem deixa de interessar. Tem força necessária para se defender. Mas, a muitos outros, serve o campeonato regional para certo desajogo financeiro, e daí o motivo por que a A. F. do Porto procura acautelar os seus interesses.

Para ontem, salvo erro, estava marcada uma reunião importante, na sede da entidade dirigente do futebol português. Os clubes ouvirão da boca do secretário geral na A. F. P. o relato dos acontecimentos e a solução proposta pela F. P. F.

Depois disso, segundo é também voz corrente, apresentará a gerência o seu pedido de demissão.

Achamos que não é caso para tanto. É muito natural que as coisas se arrumem convenientemente, ligando os interesses dos clubes, porque só os interesses de ordem financeira mereçam talvez maiores cuidados.

A «revolução» foi demasiadamente forte. Não se esperava que as coisas subissem a este ponto, na verdade. Os desportistas gostam da luta entre as suas equipas e os conjuntos estranhos, do resto do país, mas também não desprezam o espectáculo «local». Logo, mesmo esquecendo o caso financeiro, não deve afirmar-se que o campeonato das regiões seja desnecessário, inútil. Nada disso. Em determinados centros, e possivelmente o Porto incluído, o campeonato tem um sabor especial e desportivo.

Eis o motivo por que o Porto deseja «discutir» a suspensão dos campeonatos. Os clubes teriam ontem de expor as suas razões, mas o dr. Custódio de Sousa possui elementos para justificar a posição do seu organismo neste caso — posição que procurou defender o melhor possível.

E aguardemos a experiência. Pode ser que, um ano volvido, os campeonatos regionais passem para um plano secundário. Que até o Porto venha a considerá-los desnecessários, sensaborões, e que os próprios desportistas julguem a medida inteligente e oportuna.

Por enquanto, erã de acreditar no alvoroço. Há muito que esta prova vivia no espírito do público e acabar com velharias é sempre doloroso. Veremos. Nesta ocasião, mesmo, não sabemos bem o que se passa por cá...

campeão regional de atletismo, achamos muito pouco.

E para uma cidade que pretendia ver o Portugal-Espanha — terrível coisa...

Além de Sampaio Peixoto — porque não compareceram Herculano, Tamagão, Rocha Brito, Cerquinho e outros?

Em contra-partida, o F. C. do Porto deslocou para Lisboa alguns dos seus melhores atletas. Procurou, pelo menos, corresponder às suas obrigações.

Isso é de aplaudir. O F. C. do Porto, sabendo de antemão que só por sorte poderia conquistar um primeiro posto, não deixou de se apresentar no pisto do Lumiar com os seus rapazes — que Arnaldo Borges tem preparado dedicadamente em poucos metros quadrados de terra granítica...

Consta que Biri virá treinar um clube do Porto. O ex-treinador do Benfica tem muitas simpatias nesta cidade, para onde veio quan-

do saiu da Hungria, a fim de jogar no Boavista, no posto de guarda-redes.

Aguardemos...

Miguel Siska, o famoso guarda-redes húngaro, que deslumbrou o país e os adeptos do F. C. do Porto, tem estado gravemente enfermo. Oxalá Miguel Siska consiga vencer o mal que o aflige. Siska é um nome que dificilmente se apagará da memória dos seus admiradores, como de história do clube que louvavelmente o tem amparado, cumprindo com uma obrigação contraída há muitos anos, quando o Siska nos chegou de Budapeste, muito jovem, 18 anos apenas.

Os jornais, embora o grande ex-guarda-redes «tripeirizado» esteja doente há bastante tempo, ainda se não referiram ao simpático e correcto desportista. As colunas não chegam para a campanha, para muitos ninharas. Porém, o «velho» Siska não merece que o esqueçam em transe tão difícil.

VIII — Mena e Silva

Entre os nossos cavaleiros não é vulgar encontrar oficiais oriundos de outras armas que não seja a cavalaria e é raríssimo ou quase inédito em que um destes elementos estranhos à arma equestre tenha ascendido por méritos próprios ao mais elevado nível do hipismo nacional.

Pois este facto, absolutamente digno de registo, deca-se com o nosso biographado de hoje — o capitão Luis Mena e Silva — oficial distinto de artilharia, que mereceu ser cavaleiro internacional 31 vezes, concorrendo em Roma, Nápoles, Milão, Nice, Madrid, Barcelona, La Granja, Coranha, Vigo, Salamanca, Bruxelas e Londres, e que foi nosso representante olímpico, em Berlim, em 1936.

Alano de Jora de Carvalho, — grande mestre de equitação, — Mena e Silva debatao há uns bons 28 anos. E, de então para cá, láctil lhe foi impor o seu valor em concursos hípicos, corridas planas, «steeples», campeonatos de cavalos de guerra e em provas de alta escola, modalidades em que obteve a bonita conta de 595 prémios, entre os quais figuram 53 primeiros, em provas de obstáculos.

As suas qualidades de equitador ariaram-se desde logo às de concursista e só assim se compreende que tanta vez tenha sido chamado para a representação nacional além-fronteiras. A sua escolha para estas difíceis mis-

sões — não Mena e Silva respide sempre com um conjunto de classificações extraordinariamente honrosas. Não esqueçamos o 1.º prêmio de «tertara» em Milão (1926); a Taça das Nações em Madrid (1929); «Gañad» em Barcelona (1929); prêmio «Monte Carlo» em Nice (1931); «Regularidade»



Capitão Luis Mena e Silva

em Madrid (1930); «Grande Prémio», também em Madrid (1931); «Taça de Cavalaria Belga», em Nice (1932); «Taça das Nações» e «Regularidade» da mesma taça em Madrid (1932); «Regularidade» da Taça das Nações em Nice (1933); «Copa Deputacion» e «Grande Prémio» na Coranha (1933); «Taça de Cavalaria Espanhola» em Nice (1935); «Taça S. Michel» e o campeonato de alta-tara em Bruxelas (1936) e a «Taça da Cavalaria Belga» em Nice (1938).

Disputou a famosa Taça de Ouro da Península inúmeras vezes, tendo contribuído para a sua vitória em 1929 e 1935.

Venceu o Campeonato do Cavallo de Guerra em 1928 e 1934, trianfo em inúmeras provas de obstáculos disputadas no país, em 10 corridas planas, em 9 «steeples» e em 12 provas de alta escola, apresentando sete cavalos.

O capitão Mena e Silva, cujo «palmarés» não poderia ser indicado na íntegra — mencionaram-se apenas os seus trianfos mais importantes — foi durante 10 anos instrutor de equitação na Escola de Cavalaria e está escolhido para a equipa de trabalho dos próximos Jogos de Londres (Prova de «Ensin»).

O seu passado de cavaleiro impõe-se. Do seu valor ninguém duvida. Ainda ninguém esqueceu os seus êxitos com «Bethalie», «Whisky», «Kalifa», «Silvain» e «Bannanier».

Monteiro Poças

Antas Teixeira

Não se pode parar

O jogador de futebol deve ser bem aconselhado

LONDRES, Agosto de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

As férias do jogador britânico são sempre cuidadas. Vê-se que os ingleses olham pela sua preparação, especialmente durante o defeso, não se dando ao luxo de dizer: — Agora, durante a ausência da bola, vou tirar a barriga de miéris...

Não sabemos bem se os métodos são rigorosamente seguidos em Portugal. Não eram, pelo menos, aqui há uns tempos, salvo algumas excepções honrosas, claro está.

Mas importa falar sempre da Inglaterra, para que os bons exemplos possam ser seguidos no nosso país. Temos tido essa preocupação constante.

O jogador inglês, pelo menos o bom profissional inglês, tem o máximo cuidado com a época de descanso. Procura a praia, o sol, o campo, os exercícios lentos mas saudáveis. Faz tudo isto metódicamente, às vezes obedecendo a um plano dos técnicos, outras ao seu próprio instinto de conservação física.

Sabe um bom jogador de futebol que deve tratar-se como quem trata de um automóvel, de um motor — de qualquer máquina que precise de assistência técnica regular e certa. Assim mesmo.

Se o jogador, perturbado pela glória, com dinheiro nos bolsos, pensa em gastar à laia, excedendo-se nos prazeres e nas diversões, acabará mais depressa para o futebol — que é a sua profissão. Ora isso não deseja nenhum inglês com responsabilidades. Selecciona a sua alimentação, o seu esforço mental, e na própria vida privada há comedimento e bom senso.

Quando a época recomeça, o jogador inglês (todos os atletas, afinal) está senhor das suas possibilidades e sabe que vai disputar campeonatos renhidos e duros.

Pode, neste caso, corresponder a todas as solicitações do treinador ou dirigentes com funções técnicas. Nisto não há a menor dúvida.

Ora, se em Portugal se não faz a mesma coisa, é pena. A fibra portuguesa, por impulsiva, talvez não consinta o mesmo sistema de trabalho. Mas, em boa verdade, é preciso que o nosso jogador vá educando os seus impulsos ou a sua rebeldia na preparação durante o defeso.

São pormenores que não podem cair no desprezo, e quem procura ganhar a vida no futebol não deve esquecer-se do principal: cuidar de si. Temos lido que há jogadores em má situação, física e financeiramente, mas, se procurarmos bem os motivos, encontramos a culpa no próprio jogador.

Porque quando tem dinheiro — gasta-o desprevenidamente. Por-

que não domina os vícios. E porque, só ao sábado, se lembra do jogo de domingo.

Não será assim com todos os praticantes. Há por certo jogadores portugueses que também olham cuidadosamente para o seu futuro, que se deixam guiar por bons conselhos, recusando aqueles que ou são inferiores ou pouco inteligentes.

Há, com certeza. E esses podem durar mais, jogando muitos anos e cumprindo com as suas obrigações para com o clube e para com o público, que paga para ver bons espectáculos de futebol — de futebol sério e não do futebol-amador, que se defende aqui e além.

Só estabelecendo o profissionalismo em bases seguras, só permitindo a subida do atleta de baixo para cima, isso acontecerá, e não nos repugna acreditar que quem de direito olhe para o assunto com o melhor critério, não cedendo a pressões de qualquer natureza.

É preciso dar ao futebol português uma vida que ele nem sempre tem tido, e pode e deve começar-se pelo conselho útil ao praticante, que já recebe justamente, embora pouco, por falta de possibilidades financeiras.

É preciso convencer o atleta, em artigos cuidados, evitando por tudo que o seu desamor à preparação arranje companhias perigosas.

É preciso, numa palavra, que o bom seja separado do mau, «dando» com a mão direita e «obrigando» com a mão esquerda. Só assim.

De contrário, pagando já como se paga, sem exigir trabalho correspondente, muito mal iria para o futebol português um regresso ao passado, que foi bom quando se andava com as balizas às costas...

Os tempos mudaram. Quem não quiser ver e seguir a evolução do futebol, como de tudo, — parou. E parar é morrer!

Fernando Mendes

A Iluminante

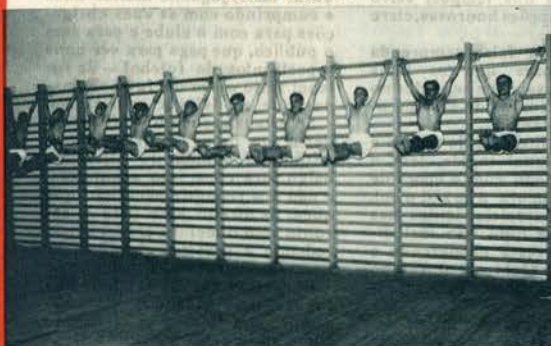
MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕESAvenida Almirante Reis, 6
LISBOA

O G. D. da C. U. F.

ENSINA GINÁSTICA AOS JOVENS



A classe de ginástica infantil da «Cuf» na execução de um exercício



A classe de «rapazes» da «Cuf» num exercício de espaldares



Um aspecto da sessão solene comemorativa do aniversário do C. A. C. de Ourique. Preside o sr. coronel Sacramento Monteiro



O Grupo Desportivo da C. U. F. vem mantendo com interesse admirável classes de ginástica destinadas aos filhos dos empregados da Companhia onde exercem a sua actividade.

Há 3 anos que assim está sucedendo com resultados magníficos para os inscritos nessas classes e para a útil iniciativa a que os dirigentes do Desportivo da C. U. F. deram realidade.

Dispondo de um bom ginásio em Alcântara e de um professor de educação física — o capitão Tassara Machado — de comprovada competência e extrema dedicação pelas suas classes, o C. U. F. pôde mais uma vez apresentar em festa final do ano de ginástica as suas duas classes, a A, dos rapazes até 13 anos de idade, e a B, dos rapazes até 16 anos.

As exhibições dos 57 jovens ginastas foram agradáveis de presenciar. Os esquemas desenvolveram-se com absoluta correcção, a testemunhar os bons resultados que os alunos obtiveram com as suas duas aulas de ginástica semanais.

O valor e os benefícios da ginástica foram devidamente apreciados pelos dirigentes do clube que não dispensam também a comparação dos seus jogadores de futebol às aulas que lhes são exclusivamente destinados.

Útil missão está portanto cumprindo o ginásio do Desportivo da C. U. F. e registre-se que nestas aulas de ginástica também se inscreveram rapazes do pequeno bairro de Alcântara, que de livre vontade appareceram desejosos de nelas tomarem parte.

E são recebidos com satisfação, pois os dirigentes do C. U. F., muito embora tenham montado o seu ginásio com vista dos filhos dos empregados da empresa, procuram dar realidade a um desejo que defendem, de acordo com o seu espirito de desportista: ginástica para todos.

F. S.

VOLEIBOL CORPORATIVO



As duas equipas de voleibol do Instituto Nacional de Estatística e da Casa da Moeda que disputaram a «Taça Engenheiro Pinto de Magalhães». O conjunto da Estatística conquistou o trofeu. Ao centro vê-se o presidente do grupo vencedor

VELA

REALIZOU-SE a regata oceânica Lisboa-Faro, tendo alinhado alguns concorrentes da melhor categoria neste género de provas. Venceu o iste «Senhora da Piedade», dos Cadetes da Armada, que derrotou as aspirações dos restantes competidores. Ao lado direito apresentamos o barco vencedor, e à esquerda os membros do júri, entre os quais se encontram os srs. Comandante Tenreiro e Frederico Cruz

